

MICHELLY AKEMI ODA

Cores, cheiros e sabores

**Vidas e histórias do Mercado Municipal de
Montes Claros**

**Memorial apresentado ao Curso de
Comunicação Social – Jornalismo da
Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Jornalismo.**

Orientador: Prof. Dr Ernane Rabelo

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo e por todos!

À minha família pelo amor incondicional, pela dedicação, pelo incentivo e pelas orações.

Ao meu orientador por ter acreditado na minha idéia, por dividir comigo a paixão pelo jornalismo literário e pelos ensinamentos que vou guardar para toda vida.

Aos amigos e colegas de curso por estarem sempre presentes e por me ajudarem nesta trajetória de 4 anos.

Aos comerciantes do Mercado de Montes Claros que compartilharam comigo as suas vidas e histórias. A todos, meu respeito e sinceros agradecimentos.

A todos aqueles que acreditaram e contribuíram para que eu realizasse o sonho de ser jornalista.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Alberto e Beth, por fazerem dos meus sonhos os seus. Por terem dedicado suas vidas para que eu pudesse estudar. Por terem me ensinado a ser persistente e nunca desistir dos meus objetivos. Vocês são tudo para mim!

Aos meus irmãos Aline e Beto, companheiros da vida toda, por fazerem meu caminho ser mais feliz e mais cheio de graça. Não sei o que seria de mim sem vocês.

Aos tios Élvia e Cláudio e aos seus filhos por me oferecerem a sua casa e uma segunda família.

Ao Alex, meu namorado e amigo, por fazer a saudade ser menos pesada e pela doce felicidade que trouxe a minha vida. Por estar ao meu lado para compartilhar e tranquilizar minhas angústias.

RESUMO

Este memorial expõe o processo de confecção do livro-reportagem “**Cores, Cheiros e Sabores. Vidas e Histórias do Mercado de Montes**”, desde escolha do tema até a fase final de geração do produto. A obra se constrói com base em perfis de trabalhadores do Mercado para contar a trajetória do local e representa um resgate histórico e patrimonial de um dos mais importantes símbolos da cultura da cidade. Como abordagem teórica, é feita uma reflexão do uso do livro-reportagem aliado ao Jornalismo Literário para transmitir informação de um modo diferenciado. Há também uma descrição dos processos metodológicos para elaboração do trabalho e como conclusão foi feita uma avaliação da discussão teórica e também considerações sobre a realização do livro.

PALAVRAS-CHAVE:

Livro-reportagem; jornalismo literário; mercado municipal; Montes Claros;

ABSTRACT

This memorial exposes the process of making the book-report **“Cores, Cheiros e Sabores. Vidas e Histórias do Mercado de Montes”**, since choice of the theme until the final generation of the product. The work builds based on profiles of workers in the market to tell the history of the place and represents a historical and heritage of one of the most important symbols of the city's culture. As a theoretical approach, there is a reflection of the use of book-report combined with the literary journalism to convey information in a different way. There is also a description of methodological procedures for the preparation of work and as a conclusion, an evaluation of the theoretical discussion and also considerations about the realization of the book. As attach there are the transcripts of the interviews conducted in the verification stage.

KEYWORDS:

Book-report; literary journalism; municipal market, Montes Claros;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1	
Montes Claros.....	8
O Mercado de Montes Claros.....	10
CAPÍTULO 2 – DISCUSSÃO TEÓRICA	
O Jornalismo.....	11
O Jornalismo Literário.....	14
CAPÍTULO 3	
Metodologia.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
ANEXOS.....	26

INTRODUÇÃO

Montes Claros está localizada no Norte de Minas Gerais. Sua história começou através das bandeiras, expedições com o objetivo de desbravar o interior do Brasil, objetivando principalmente encontrar metais preciosos. Em de julho de 1857, por intermédio do bandeirante Antônio Gonçalves Figueira, a então Vila Montes Claros foi elevada à categoria de cidade, e atualmente tornou-se um centro convergente e polarizador da região com população de 363 mil habitantes. Além disso, a Princesinha do Norte é reconhecida pela preservação das tradições, e este Trabalho de Conclusão de Curso propõe um recorte histórico de Montes Claros, através de um de seus símbolos culturais, o Mercado Municipal, conferindo destaque para os dois principais mercados que fizeram parte da história da cidade, o Novo e o Velho.

A proposta para este projeto experimental foi elaborar um livro-reportagem que contasse as trajetórias dos mercados através dos comerciantes destes lugares, para isso, foram construídos perfis por meio de entrevistas. A escolha do formato livro-reportagem deu-se pelo fato desse suporte possibilitar, como afirma Bulhões (2007), a construção de um texto menos preso à linguagem tradicional, com alternativas para analisar os fatos profundamente, mantendo-se o caráter jornalístico. Além disso, este projeto é constituído através da utilização do Jornalismo Literário, que permite explorar com riqueza de detalhes as informações concedidas pelas fontes, conferindo viabilidade a este gênero jornalístico para a elaboração de grandes reportagens.

Os registros sobre o Mercado Municipal de Montes Claros são em pouco volume e profundidade, além de terem sido construídos de maneira fragmentada e estarem dispersos. As informações materializadas constituem-se com base na valorização de marcos temporais e/ou de relatos pessoais de alguns poucos cidadãos e estudiosos montesclarenses. As pessoas que trabalham no Mercado são colocadas a parte da história do lugar, nem mesmo há uma catalogação na administração municipal com informações básicas, como os nomes dos feirantes, a intenção não é fazer com que o livro seja uma radiografia, mas que seja uma forma de preenchimento dessa lacuna na história de Montes Claros.

Este trabalho apresenta também discussões acerca de mitos no universo do Jornalismo, como a neutralidade e a imparcialidade, que embora para uns sejam reais, para outros são ideais. Colocando em discussão tais questões, é possível considerar a atividade jornalística como referendada na verdade, como um recorte da realidade,

permeado por características de cada indivíduo enquanto ser humano, repleto de sentimentos, ideologias e questionamentos.

Na atualidade o jornalismo digital veloz e dinâmico, em tempo real, que da mesma forma que abastece o público com informações em tempo real, acaba por influenciar no ritmo de produção do repórter, obrigado a desempenhar mais funções em menor tempo. O meio impresso tem a necessidade de se “mostrar algo a mais”, uma informação, um detalhe ainda não dito, e não somente as informações básicas que compõem o *lead*.

Este trabalho é uma contribuição a cidade onde moro, Montes Claros, e ao Jornalismo, abordando questões relativas à academia e ao exercício da profissão. Através da confecção do livro-reportagem “**Cheiros, Cores e Sabores. Vidas e Histórias do Mercado de Montes Claros**”, tive a oportunidade de conviver com a realidade da profissão, através do uso de técnicas de apuração, escrita e edição, tais ensinamentos foram auferidos por mim ao longo do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa.

Este projeto corresponde a um universo à parte representado nas páginas e imagens do livro-reportagem “**Cores, Cheiros e Sabores. Vidas e Histórias do Mercado Municipal de Montes Claros**”, mas muito mais do que o que está presente neste trabalho, tudo o que vi, ouvi e senti será guardado por toda minha vida.

1- MONTES CLAROS

A história do município de Montes Claros começou quando a Expedição Espinosa-Navarro, que partiu de Porto Seguro em 1 de junho de 1553, composta por 12 homens de nacionalidade espanhola e portuguesa, chegou ao Norte e de Minas Gerais, até então habitado pelos índios Tapuias e Anais. A localização distante e a ausência de riquezas minerais que pudessem ser exploradas inviabilizaram a fundação de cidades na região.

Alguns anos depois, bandeirantes oriundos de São Paulo e liderados por Fernão Dias, embrenharam-se pela porção Norte da Capitania de São Paulo e por Minas de Ouro, procurando por pedras preciosas. Antônio Gonçalves Figueira, integrante do grupo, juntamente com Matias Cardoso, acompanharam a expedição até as margens do Rio Paraopeba quando resolveram abandoná-la e retornar a São Paulo, chegaram a cidade dois anos depois. E passado algum tempo decidiram por voltar ao sertão norte mineiro, na esperança de encontrarem riquezas. Com o objetivo de colonizar a região, construíram três fazendas, Jaíba, Olhos d'Água e Montes Claros, que posteriormente tiveram as sedes transformadas em cidades. (PREFEITURA DE MONTES CLAROS, 2010)

No ano de 1707, Antônio Gonçalves Figueira conseguiu o alvará de uma sesmaria de uma légua de largura e três de comprimento, e dedicou-se, utilizando as mãos de obra escravas indígena e negra, ao cultivo da terra e à criação de gado, constituindo os primeiros núcleos populacionais da região.

Após receber a denominação de Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José das Formigas, foi instituída em 13 de outubro de 1831 a Vila Montes Claros. Somente em 3 de julho 1857, Montes Claros foi elevada a categoria de cidade, através da Lei Provincial número 802.

A cidade tem a área territorial equivalente a 3.582 Km², considerada como um pólo regional, congrega mais de 2 milhões de habitantes das cidades circunvizinhas. De acordo com dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 2000, a população da cidade é de 363.227 pessoas.

Em Montes Claros existem 37 escolas públicas destinadas à faixa etária infantil, 61 unidades municipais de ensino fundamental e médio e um pré-vestibular para alunos de baixa renda, egressos de escolas públicas. Além de 13 instituições particulares de ensino superior, uma universidade estadual, a Unimontes, e um campus da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais (PREFEITURA DE MONTES CLAROS, 2010).

Localizada a 418 Km de Belo Horizonte, a cidade pertence ao segundo maior entroncamento rodoviário nacional, classificação do Plano Rodoviário Nacional que diz respeito à facilidade de acesso, através de rodovias, até as principais localidades do país. Montes Claros conta ainda com um aeroporto de onde partem diariamente voos para Belo Horizonte e São Paulo, além da Ferrovia Centro Atlântica, que possibilita o transporte de cargas para as regiões Sudeste e Nordeste.

A economia montesclarensense é sustentada pelo comércio, responsável por abastecer 150 cidades que fazem parte de seu entorno, pelas atividades industrial e de prestação de serviços, que congregam empresas de pequeno, médio e de grande porte, e também pela agricultura, destacando-se a pecuária de corte e leite e o cultivo de feijão, milho, mandioca e algodão. O PIB – Produto Interno Bruto per capita é R\$9.195, segundo informações do IBGE, 2007.

O clima de Montes Claros é quente e seco e a vegetação é marcada pela ocorrência do cerrado e da caatinga, com a presença de espécies como jatobá, pequi, braúna e macambira. Na hidrografia destaca-se a Bacia do Rio São Francisco. A temperatura anual é de 24,20°

Na área da saúde, a cidade tem sete hospitais, 23 centros de saúde, 15 na zona urbana e oito na rural, três policlínicas, um pronto atendimento, um pronto socorro dentário, além do SAMU – Sistema de Atendimento Médico e de Urgência.

Montes Claros é uma cidade com grande potencial turístico, mas ainda não tem este aspecto como ponto forte. Uma das atrações são os 164 sítios arqueológicos, com destaque para o Complexo Espeleológico da Lapa Grande, e os parques Guimarães Rosa, Sapucaia e Milton Prates. (PREFEITURA DE MONTES CLAROS, 2010)

Reconhecida por sua rica e diversificada cultura, em Montes Claros as tradições são celebradas o ano todo, em forma de manifestações folclóricas, festas típicas, feiras de artesanato e festivais de comida. A culinária, é dos traços mais marcantes da cidade, com o pequi e a carne de sol com mandioca. Um dos lugares no qual essa rica gastronomia se faz presente é o Mercado Municipal, o ponto de partida para este trabalho.

1.2- O MERCADO MUNICIPAL DE MONTES CLAROS

Montes Claros tem em sua história dois principais mercados municipais, o Mercado Velho e o Mercado Novo. No intervalo entre a existência dos dois há o Mercado localizado na Rua Coronel Joaquim Costa com a Rua Belo Horizonte, próximo à Praça de Esportes, no centro da cidade.

O Mercado Velho foi fundado em 2 de setembro de 1899, e é conhecido como o “Mercado da Praça Doutor Carlos”. A planta da construção foi feita pelo engenheiro Frederico Gamba, mas João Froés, o empreiteiro responsável pela execução da obra, achou por bem não utilizar os alicerces conforme descrevia o projeto de engenharia. Algumas pessoas de Montes Claros eram contra as modificações e ficaram conhecidos como “os de cima”, enquanto os a favor, ou “os de baixo”, diziam que seria uma alternativa para economizar tempo e dinheiro. Feita a escolha de não construir o prédio conforme o sugerido pelo engenheiro, no dia 16 de novembro de 1897, parte da construção desmoronou, como retrata a carta do Presidente da Câmara, Dr. Honorato Alves, testemunha ocular do acontecido, ao historiador Hermes de Paula.

“Mas enquanto a política estava em ebulição, cuidava-se com esforço da construção do prédio, confiada ao nosso engenheiro prático João Froés. Um belo, porém, ou, antes, uma péssima noite, ouviu-se na cidade inteira um ruído enorme e em seguida uma algazarra medonha. O Mercado que tinha levado a cobertura, havia ido a baixo, felizmente sem fazer vítimas. Foi um exultar de alegria lá embaixo, ao passo que os de cima lastimavam...” (JORNAL O NORTE. **O Mercado Velho**. Montes Claros, MG: 1985, p.95)

Após o desabamento, o Coronel Antônio dos Anjos, figura importante e influente na época, saiu de porta em porta para arrecadar dinheiro e reconstruir o local, em dois dias já tinha a quantia necessária. A obra agora seria executada conforme as instruções do engenheiro. Em 2 de setembro de 1889, o Mercado foi realmente inaugurado.

“O prédio do Mercado Velho tinha vinte e nove metros de frente, por trinta e dois de fundo, tendo sete cômodos para “venda” de cada lado, com um salão central, destinado aos feirantes, com catorze metros de largura por trinta de comprimento. Sua construção custou quarenta e três contos de réis”. (JORNAL O NORTE. **O Mercado Velho**. Montes Claros, MG: 1985, p.99)

Em junho de 1906, no governo de Honorato Alves, foi inaugurada a torre do Mercado. Construída com madeira, tinha um parapeito trabalhado. No seu interior havia uma escada, pelo qual subia um funcionário para dar corda no relógio suíço, que veio do Rio de Janeiro, transportado por carros de bois, e tinha a incumbência de marcar o

compasso e a hora na cidade. Ao alto podia-se avistar a rosa-dos-ventos, feita de metal, com os pontos cardeais, norte, sul, leste e oeste.

Após meio século de trabalho o relógio foi retirado da torre. Depois foi a sua vez de ser demolida. Para o historiador Haroldo Lívio de Oliveira, o ato correspondia a um sinal da modernização no aspecto urbanístico da cidade, “não adianta chorar, minha gente, isso é o fim dos tempos velhos; é o vigor dos tempos novos que estão chegando por aí!”.

O Mercado Velho foi demolido no ano de 1967, na gestão do prefeito Antônio Lafeté Rabello. Do local restam as lembranças do feijão novo, da farinha grossa da roça, do fubá de milho, das rapaduras fixe de dois quilos embrulhadas em palhas, das favas, das costeletas de porco salgadas e da carne de sol. Não que estes produtos não existam no Mercado Novo, mas o sabor dos daquela época é diferente porque tem um leve toque de saudosismo.

Após a demolição, o local foi transformado em um estacionamento de veículos conhecido popularmente como “Praça do Cimentão”. Antônio Lafeté Rabello construiu então outro Mercado, na Rua Coronel Joaquim Costa com a Rua Belo Horizonte, que depois foi desativado no governo do prefeito Luiz Tadeu Leite, no ano de 1983. Os feirantes foram transferidos para outro local, o Mercado Cristo Raeff, também conhecido como Mercado Novo, que após alguns anos ativo, foi oficialmente inaugurado em 1992.

O espaço, antes ocupado pelo Mercado Velho e depois pelo estacionamento, foi utilizado para a construção do Shopping Popular Mário Ribeiro da Silveira, em 28 de maio de 2003, em parceria da Prefeitura de Montes Claros com a Associação de Ambulantes e Camelôs.

A justificativa para a construção do Mercado Novo está centrada na melhoria de estrutura para os feirantes, que trabalhavam em espaços pequenos e apertados, alguns inclusive vendiam seus produtos na rua. Segundo dados de 2010 havia 250 boxes e 200 bancas no local. Neste ano, entre segunda e quinta-feira, um movimento de mais de três mil pessoas, a partir da sexta, cerca de cinco mil pessoas circulavam pelo local. Após as mudanças de local dos mercados de Montes Claros, o certo é que a identidade do comércio foi conservada, com seus cheios, cores, sabores, vidas e histórias.

2- O JORNALISMO

O Jornalismo é utilizado há bastante tempo pelas civilizações mesmo antes de receber esta denominação. Nos primórdios, se fazia presente através dos relatos de viajantes, que segundo Kunczik, “reportavam e comentavam os acontecimentos do dia nas feiras, mercados e cortes aristocráticas” (2002, p.22). Mas a atividade como conhecemos atualmente se configurou na perspectiva do Iluminismo objetivando construir um espaço de debates público, independente do Estado.

Por isto, a atividade jornalística, nos seus primórdios, teve um caráter revolucionário, de denúncia, de esclarecimento, de formação de idéias e fomentadora do debate público. (OLIVEIRA, p.2). Sem fins comerciais, as iniciativas eram tomadas por personalidades ou grupos que objetivam defender seus interesses, “seja no aspecto da política institucional, seja no campo da estética artística” (OLIVEIRA, p.3). O autor afirma que com o passar do tempo o Jornalismo foi sendo transformado e “deixou de ser uma atividade com caráter militante para se transformar em um empreendimento comercial”, de interesse de empresários e grandes grupos, preocupados somente com a rentabilidade e não com as condições perpetradas à atividade e com o comprometimento social. O importante é sempre estar à frente dos concorrentes, conseguir dar a informação em “primeira mão”.

O Jornalismo é explicado por Rossi “como uma fascinante batalha pela conquista de mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores e ouvintes” (2005, p.7). Outro conceito que complementa o pensamento de Rossi é o de Souza, que afirma que “o Jornalismo é uma forma de comunicação em sociedade” (2001, p.13).

O exercício da atividade jornalística como batalha, versa sobre as obrigações que o profissional tem com o público e o conteúdo produzido, destacando-se o compromisso com a veracidade dos fatos, que diz respeito à fidelidade na apuração das informações, que deve acontecer de modo a considerar todos os ângulos, escutar o maior número possível de fontes e checar o que foi apurado, garantindo informação com qualidade e transparência. O conceito de veracidade é perpassado pela noção de que o jornalista faz recortes e retratos da realidade sob um ponto de vista pessoal, o que significa que esta realidade pode ser diferente se vista por outrem.

Nesta ótica, a imparcialidade e a neutralidade são conceitos idealizados, pois como afirma Oliveira, “o Jornalismo é atividade de constante seleção e combinação”

(p.4, on line), a começar pela escolha do que será noticiado. Há de levar-se em consideração também os veículos subordinados à interesses políticos e econômicos, que acabam por produzir conteúdo com base nestes aspectos.

O processo de seleção e combinação existe ainda na apuração, por meio da qual o repórter escolhe as pessoas a discorrerem sobre o assunto, elabora perguntas, valoriza mais certo aspecto em detrimento de outro. Na escrita da notícia há também a escolha da angulação, que concerne na concessão de destaque, valor, ou exclusão de informações. Posteriormente, o conteúdo será analisado por um editor, que será influenciado também por seus sentimentos, pensamentos e ideologias, para avaliar e selecionar o material produzido. Por fim, o receptor interage com a informação, fazendo segundo o seu entendimento, uma produtora de sentido para compreender aquela realidade.

A objetividade, também no campo das idealizações jornalísticas, é um critério como a imparcialidade e a neutralidade, e pressupõe a exposição do objeto, o fato em si, sem traços do sujeito, no caso o jornalista. No entanto, toda pessoa invariavelmente, concede ao que vê, escuta ou sente, os parâmetros de seus próprios olhos, ouvidos e sentimentos. O fato é que o discurso jornalístico se torna legítimo ao passo que se referencia no compromisso com a verdade, que se norteia e se constrói com base nela.

Ao jornalista não basta ser somente o dom de escrever. Ele alia o poder e a beleza das palavras com o objetivo de transmitir informação, a matéria-prima do Jornalismo. Trabalhar corretamente com essa substância essencial, não é um tarefa fácil e exige uma série de procedimentos deontológicos, que vão desde comprometimento com a atividade e com o público, até questões mais relacionadas com o estilo de cada profissional.

No contexto atual em que o ritmo de produção é acelerado, o conteúdo muitas vezes relacionado diretamente à essa velocidade, acaba por perder muito de sua profundidade e riqueza, resumindo-se a informações primárias, gerando homogeneidade entre veículos e suportes midiáticos. A necessidade de uma produção rápida acaba por comprometer direta ou indiretamente o exercício do jornalismo em suas etapas, desde a fase inicial de apuração até a final com a veiculação das informações. Esta rapidez influencia diretamente no trabalho do repórter, que tem que produzir para cumprir prazos e horários apertados.

As novas mídias, com a internet e seus recursos, possibilitaram que as informações fossem dadas tempo real, o fato é noticiado no momento em que acontece

de qualquer lugar do mundo, o que acabou por beneficiar também a televisão e o rádio, mas o Jornalismo impresso sofreu por não poder fazer uso destas ferramentas, da mesma e, na mesma intensidade que os outros suportes, e teve que se adaptar a nova situação, na qual noticiar o fato respondendo as questões do *lead* (o quê, quem, quando, onde, como e por quê), não é suficiente porque os outros meios já o fizeram e as pessoas já tomaram conhecimento.

A solução para permanecer no universo do Jornalismo é buscar um diferencial, seja algo que ainda não foi dito, seja um detalhe que passou despercebido, ou seja, um estilo diferenciado de disseminar a informação, o que para alguns transforma a notícia em reportagem.

É importante, e há demanda para que seja assim, o Jornalismo prático e veloz dos meios digitais, mas muitas vezes a predominância destes fatores acaba por fazer com que a atividade jornalística se torne uma simples narração do acontecido, sem explorar a fundo causas, consequências e relações do fato.

Com as transformações sociais e o advento da tecnologia, o Jornalismo teve que se adaptar às transformações de cunho tecnológico e no âmbito da percepção social, que inclui novas formas de se fazer Jornalismo e também novas maneiras de se assimilar esta profissão e a produção de conteúdo. Neste complexo universo de mutações surge o Jornalismo Literário.

2.1- O JORNALISMO LITERÁRIO

A literatura é definida por (LIMA, 2003 p.32), como “arte da palavra”. Aproximando o universo jornalístico do literário, ele afirma que “Jornalismo só é literatura, enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão”. Sendo assim, muito mais do que explorar os sentidos e possibilidades da palavra, é importante saber como utilizá-la com objetivo de transmitir a informação, não resumindo seu uso ao estético ou poético. O autor diz que “o Jornalismo não é literatura pura, sem dúvida, como é um poema, no qual a palavra vale apenas como palavra (embora nele se contenha o mundo) e não como transmissão de um pensamento ou de uma mensagem”.

Um texto jornalístico pode proporcionar uma leitura mais ou menos amena, pode até fazer brotar uma gargalhada dos lábios do leitor, ou comovê-lo até às lágrimas, pode fugir às formas rotineiras de elaborar as mensagens. Mas não deve perder de vista os princípios régios da enunciação jornalística. É aferindo essas qualidades que se julga, em princípio, a qualidade do texto jornalístico. (SOUZA)

O Jornalismo Literário se consolidou nos Estados Unidos, na década de 1960 com o objetivo de interpretar o fato ou a notícia abstraindo suas sensações, seus pormenores, seus detalhes encobertos por gestos, olhares e palavras não ditas. É preciso viver o relato da fonte, frequentar os lugares descritos, tentar enxergar as pessoas mencionadas, visualizar as ações relatadas, para construir da maneira mais interessante, completa e rica uma bela história para o leitor. (PENA 2006, p. 13), enumera a complexidade de ações desse ramo do jornalismo.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Entendido como modalidade jornalística repleta de possibilidades e características, o Jornalismo Literário é definido por (PENA, p.7), como “a estrela de sete pontas”, ele justifica esta denominação, “pois são sete diferentes itens, todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela”.

O primeiro deles, segundo o autor, seria “potencializar os recursos do Jornalismo”. O profissional tem que desenvolver as técnicas aprendidas para constituir novas estratégias, considerando sempre o que o foi ensinado como inerente à prática jornalística, como o rigor na apuração, o comprometimento com a verdade e a ética, o interesse da coletividade, entre outros.

O segundo ponto, de acordo com Pena, é “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano” (p. 14), que segundo o autor, acarreta no rompimento de duas características do Jornalismo contemporâneo, a periodicidade e a atualidade. O jornalista não tem mais o limite de prazos e horários tão rígidos, e também não é escravo dos fatos que acontecem no presente imediato, não se preocupa demasiadamente em noticiá-los no momento em que ocorrem, procura transmitir a informação da maneira mais abrangente possível. O terceiro ponto vem ao encontro do segundo, e corresponde à tentativa de ir além do cotidiano, proporcionando um recorte amplo da realidade, ultrapassando seus limites, procurando fazer relações desta com o fato, com causas e consequências, e a localizando em um espaço temporal maior do que as notícias diárias.

O quarto critério é o exercício da cidadania, diretamente ligado aos interesses da coletividade, ao uso do Jornalismo como instrumento social, de acordo com a denominação do autor, isto é “espírito público”, e apesar de alguns o encararem como clichê, “é um artigo em falta no mundo contemporâneo” (PENA, p.7).

Como a quinta ponta da estrela, o autor coloca o rompimento com as amarras do *lead*, que apesar de ter sido criado objetivando a clareza nas informações do texto jornalístico, acaba por ser um elemento para esconder a subjetividade, os traços do jornalista no texto, que embora sejam condenados e negados, estão presentes.

O sexto elemento de Pena é “evitar os definidores primários”, ou seja, além de fazer uso da consulta às fontes usuais, é importante dar voz ao cidadão comum, aos pontos de vista que, geralmente, não são retratados, esta também é uma forma de aproximar a informação do cotidiano das “pessoas comuns”. O sétimo ponto é a perenidade. O autor afirma que “uma obra baseado nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial”, um produto desta modalidade jornalística tem durabilidade maior, pode estender-se por gerações e continuar atual (PENA, p.15).

Nesta “estrela de sete pontas”, há ainda alguns recursos que a fazem ser diferente das outras formas de produção jornalística, são eles segundo (ROSMANINHO

apud SIMS), imersão, autoria, estilo, precisão e simbologia, digressão e humanização. Através destes elementos, a informação tem seu espectro ampliado, como propõe (CASTRO, 2005, p.8) “deixando de ser matematizada (o máximo de informação no mínimo espaço) para ser multifocal e complexa (possibilidades múltiplas; diversidade na unidade e economia da informação unida à beleza da expressão)”.

A imersão na realidade, de acordo com (ROSMANINHO, 2006, p.5) “refere-se basicamente ao posicionamento interativo e proativo que o repórter deve ter diante da temática a ser desenvolvida”. Conhecer e explorar o assunto a fundo, significa estar mais apto a falar sobre ele, mais preparado para torná-lo conhecido por outras pessoas. Estar imerso no fato permite também as capacidades de descrição e narração.

A primeira refere-se ao detalhamento de uma cena, um local ou um personagem, incluindo ainda a descrição de sentimentos e emoções captadas no momento da apuração. Descrever todos estes aspectos instiga a curiosidade e a imaginação do leitor, possibilitando a construção da história em sua mente, mas esta ação não se resume à enumeração de elementos, e sim à apresentação das particularidades, das minúcias quase imperceptíveis.

Na segunda, quem conta a história pode agir como um observador do que está acontecendo, como se soubesse de tudo a respeito do fato, ou pode participar dele ao mesmo tempo em que o escreve. Este recurso do Jornalismo Literário é responsável pela progressão do texto, por uma continuidade e uma sequência lógica na cabeça do leitor, de forma que o conteúdo possa ser compreendido e assimilado.

A autoria ou voz autoral corresponde aos traços do autor presentes na história. É a expressão do estilo de quem retrata uma realidade, não que isso deva prevalecer em detrimento da informação, Rosmaninho afirma que “a singularidade e a originalidade, também relacionadas à recorrência e ao reconhecimento estilísticos, estão diretamente ligadas à capacidade inventiva do produtor”.

Outro elemento do Jornalismo Literário, a precisão, é inerente à toda e qualquer atividade jornalística. Construir um texto com dados e informações precisas significa respeitar um dos preceitos primordiais do Jornalismo, a veracidade dos fatos, um compromisso que deve ser assumido com o leitor em todas as linhas do texto.

Por meio da simbologia o repórter constrói seu relato. Apropriados da Literatura, os símbolos são marcas e extensões dos personagens, de locais, de cenas, de emoções e sentimentos, e são utilizados na tentativa de transpor o que foi presenciado pelo

jornalista em formato de texto. A digressão, para Rosmaninho é a busca por formas inovadoras de retratar um fato, gerando novas possibilidades de compreensão.

Conduzir a narrativa por outros caminhos, desviar de formatos convencionais e excursionar pelas diversas áreas do conhecimento, mais do que gerar uma obra enciclopédica do ponto de vista conteudístico, culmina com a feitura de um trabalho sobremaneira enriquecido do ponto de vista formal. (ROSMANINHO, 2006, p.5)

A última característica do Jornalismo Literário é a humanização, que consiste na presença de sentimentos e emoções, tanto dos entrevistados, como do próprio autor e concede uma dimensão ampliada do personagem, aproximando a notícia do cotidiano de “pessoas comuns”. Humanizar é o diferencial entre a simples narrativa de fatos e a de histórias da vida real.

O livro-reportagem, é um formato do Jornalismo Literário, como afirma Edvaldo Pereira Lima, proporciona reportagens “com grau de amplitude superior ao costumeiro”, (LIMA, 2004, p.68)

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo. Essa missão escapa muitas vezes ao jornalismo cotidiano e ganha cada vez mais guarida no livro-reportagem” (LIMA, 2004, p.68).

Ele explica que o grau de amplitude é a capacidade de conferir maior ênfase ao relato, compreendendo-o em sua complexidade e totalidade, com características próprias. O livro-reportagem permite explorar os fatos com maior profundidade, por justamente estar desvinculado da lógica da velocidade das mídias convencionais, como explica Pessa.

No que versa sobre o conteúdo, seu objeto de abordagem necessariamente corresponde ao real, provido de veracidade e verossimilhança, seja uma ocorrência social já definida ou uma situação mais ou menos perene, como um estado de coisas sem um acontecimento central. Quanto ao tratamento, sua linguagem é eminentemente jornalística, formada pelo equilíbrio entre a comunicação eficiente (registro formal) e a aceitação social (registro coloquial), mas com maior maleabilidade do que se vê em veículos periódicos, pela possibilidade mais clara da exposição de marcas autorais (PESSA, 2009, p. 2).

O jornalista literário segundo, Boas, é alguém que, “precisa usar o melhor de sua inteligência racional para estudar, levantar informações e interpretações básicas, compreender com profundidade e analisar o assunto que tem pela frente”. O repórter tem que se “deixar tocar sensorialmente pelo tema que aborda, pela ressonância interior causada pelas pessoas com as quais irá lidar (tête-à-tête), pelas características subjacentes, sutis, dos cenários por onde circulará para levantar dados objetivos e subjetivos”, (BOAS, 2008). O leitor, por sua vez, ao buscar a reportagem, espera ser surpreendido, encontrar um detalhe, um aspecto diferenciado e não informações resumidas e pouco profundas, pois esse tipo de formato, como afirma (PESSA, 2009, p.1), “é a narrativa que aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os”.

3. METODOLOGIA

Para a realização do livro-reportagem “Cores, Cheiros e Sabores. Vidas e Histórias do Mercado de Montes Claros” foi feita uma pesquisa para levantar a história e dados atuais sobre os Mercados Novo e Velho da cidade. As informações estavam dispersas e, quando encontradas, eram em pouco volume e profundidade. O levantamento bibliográfico foi feito no acervo Centro Cultural de Montes Claros, nas Secretárias de Cultura e Obras, na Sede do Patrimônio Histórico e na Administração do Mercado Municipal. Realizados contatos com jornalistas da cidade para pedir indicação de possíveis fontes.

Como o objetivo central era contar a história dos mercados através de perfis das pessoas que trabalham no local, foi utilizada a técnica de entrevistas abertas, com algumas fontes selecionadas anteriormente e outras que surgiram no decorrer do processo de apuração.

A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. Em relação a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante (BONI e QUARESMA 2005, p.74).

Foram levadas em consideração questões como: tempo como comerciante, destaque no setor de trabalho, disponibilidade em conceder entrevistas, variedade de produtos ofertados e aspectos do estabelecimento que chamavam a atenção e despertavam interesse do repórter. As entrevistas foram escritas a mão, pois foi percebido que os entrevistados manifestavam constrangimento quando suas respostas eram gravadas.

Também foram feitas fotos de cada perfilado, em dias e ângulos distintos para maior variedade na seleção de imagens e também para ajudar o leitor a construir a figura do personagem e conferir maior efeito estético e dinâmico ao texto. A

diagramação foi pensada de forma a facilitar a leitura, primando pelo aspecto visual limpo e simples.

A proposta de elaboração de um trabalho sobre o Mercado, baseado sob o olhar de seus personagens, é uma maneira de contar a história do recinto fazendo uso das histórias que estiveram e estão sendo construídas, ao mesmo tempo que constroem o próprio Mercado. A convivência nos proporcionou fazer um relato vivo destes personagens, que possuem um conhecimento que não está expresso nos registros escritos sobre o local.

Durantes três semanas do mês de julho de 2010, nas partes da manhã e da tarde, a partir da terça feira, o repórter freqüentou o Mercado Municipal, com o objetivo de participar da rotina de seus entrevistados. A escolha de dias e horários ocorreu com base nos dias de funcionamento do Mercado, nos períodos mais tranquilos para concessão de informações e também na disponibilidade dos comerciantes.

A liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (BONI e QUARESMA 2005, p.73).

A relação de proximidade com os perfilados caracteriza a etnografia da comunicação, que prima por transpor as fronteiras do ambiente de investigação, dos relatos, experiências e histórias apuradas, para exigir um esforço intelectual do pesquisador na escrita de um texto denso e completo.

Utilizar o livro reportagem como suporte se justifica pela profundidade permitida no que tange ao processo de encadeamento e organização das informações. O uso do jornalismo literário confere maior leveza e fluidez ao texto. Juntos, tornam possível a proposta de humanizar a história do local e explorar a riqueza dos relatos, sob uma perspectiva diferenciada.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro-reportagem, desde a elaboração da pauta à impressão na gráfica, exige imersão total do jornalista. Em alguma medida, esta entrega do autor se assemelha a elaboração de uma tese: se infiltra em nossos pensamentos, nossas mentes e até em nossos sonhos. Neste sentido, acreditamos que este formato se adéqua mais perfeitamente a função do jornalista conceituado por Rossi: “uma batalha por mentes e corações” (2005, p.7).

O compromisso com a fidelidade das informações, com o sentimento e confidências dos perfilados exigiu envolvimento profundo porque, muitas vezes, as informações não estavam somente em suas falas, mas também em seus gestos e expressões. Nos velhos moedores de tempero, por detrás do balcão, no retrato em preto e branco da mulher amada, no modo de se vestir, nas gamelas dependuradas, no cheiro do alho, no canivete vermelho já enferrujado, nas unhas pintadas de vermelho.

Como discutido no capítulo 2, o Jornalismo Literário é um gênero do Jornalismo, mas possui características próprias e diferenciadas. Concordamos com a definição de Jornalismo Literário de Pena como “a estrela de sete pontas”, potencializando os recursos do Jornalismo, ultrapassando os limites da prática jornalística, transcendendo o cotidiano, utilizando a profissão em prol da cidadania, rompendo com o *lead*, evitando definidores primários e produzindo conteúdos perenes.

Mantendo-se as práticas e obrigações jornalísticas, as técnicas aprendidas são utilizadas para construir novas ferramentas, conferindo estilo próprio e recursos próprios ao Jornalismo Literário, como a descrição, a narração e a imersão na realidade, ambas possibilitam maior profundidade e riqueza de detalhes no encadeamento de informações e na escrita do texto.

Além disto, este gênero possibilitou um Jornalismo diferenciado também por permitir prazos mais flexíveis de horário, o que possibilitou maior tempo para coleta de informações com os entrevistados e com os órgãos municipais, maior rigor na escrita, que ocorreu de forma mais profunda, com riqueza de detalhes, e também mais exatidão nos processos de correção do material, revisado por várias vezes, e na edição, que transcorreu com maior liberdade para escolher a melhor disposição dos perfis e das fotografias, através de uma grande quantidade de testes com a diagramação. As informações puderam ser abordadas de modo mais amplo, perpassando por relações com o fato, suas causas e consequências, entre outros aspectos, possibilitando que o

leitor pudesse ser contemplado com um recorte mais completo da realidade, não resumido somente nas informações do *lead*.

Outro fator importante e inerente ao Jornalismo é a cidadania, o uso da profissão em benefício da sociedade, abordando temas que estejam relacionados à ela. Em detrimento de interesses pessoais o comprometimento com a coletividade deve prevalecer. Para isso, é importante também recorrer aos próprios cidadãos como fontes, para construir um Jornalismo baseado no cotidiano de “pessoas comuns”, para utilizar a notícia como instrumento social.

Concluimos também que o Jornalismo Literário permite a construção de informações que, apesar do passar do tempo, são perenes e atuais, e possibilitam amenizar a dificuldade em encontrar registros históricos ou documentos a respeito do Mercado Municipal foi atenuada pelas vivências e experiências dos comerciantes do local, que são uma prova viva de todas as mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo.

Este livro-reportagem vem ao encontro da necessidade de informações concretas e reunidas a respeito deste símbolo de Montes Claros, e evidencia também a eficácia do uso do Jornalismo em prol da cultura e da história, como instrumento para valorizá-las e preservá-las. Além disso, é uma forma de contribuir para que os ensinamentos aprendidos em uma universidade custeada pelo governo sejam utilizados em benefício da cidadania.

Comprovamos que o jornalismo de grandes reportagens possibilita aprofundar e revelar as facetas mais reais do ser humano, extrapolando a superficialidade de abordagens apressadas. Explorando, investigando e se aproximando das pessoas e dos seus sentimentos. Este livro veio para que pudéssemos perceber que os veículos diários, nos quais se trabalha com prazos fechados e curtos, com uma rotina de produção, talvez não seja o desejado por recém-formados para a vida profissional no Jornalismo. Além disto, podemos ter a certeza de que o Jornalismo Literário é uma vertente que nos interessa muito, com sua forma diferenciada e original de informar, de uma forma mais leve e criativa. Muito mais do que a informação em si, devemos considerar os bastidores do fato, falar dos pormenores para que a imaginação do leitor seja despertada para constituir uma cena, uma pessoa, ou um local.

Esperamos que o livro seja útil para os leitores possam encontrar através dele as histórias de vida de gente que faz Montes Claros ser a cidade que é, conhecida por sua por seu povo simples e suas tradições fortes e enraizada. E que conheçam estas

peças, que passem pelo Mercado e o vejam não somente como o local onde se pode fazer compras, e sim como lugar símbolo da cidade, que só adquiriu este status pelas pessoas que ali estão, que dedicam seu suor e esforço para manter aquelas paredes de pé.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Sérgio. Ah, o jornalismo e a literatura. **Academia Brasileira de Educação e Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20100304164024&category=ensaios&lang>>. Acessado em 30 de maio de 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acessado em 14 de set. 2010.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo. Jornalismo Literário. **Casa das Musas**. Disponível em: <<http://www.casadmusas.org.br/downloads/Jornalismo%20Literario.pdf>>. Acessado em 16 de set. 2010.

JORNAL O NORTE. **O Mercado Velho**. Montes Claros, MG: 1985.

LIMA, Alceu. **O jornalismo como gênero literário**. 2^a. ed. São Paulo: Editora USP, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MARQUES, José. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

NEVES, Marcel; BORELLI, Viviane. A etnografia da comunicação: estratégias e metodologias desenvolvidas para o estudo do programa radiofônico Sala de Redação. **Revista Anagrama**. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/6283/5703>>. Acessado em 7 de julho 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito. **Felipepena.com**. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acessado em 21 de set. 2010.

PESSA, Bruno. Livro reportagem: origens, conceitos e aplicações. **Metodista de São Paulo**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9%20para%20quem%20%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acessado em 2 de agosto 2010.

PREFEITURA DE MONTES CLAROS, 2010. Disponível em: < <http://www.montesclaros.mg.gov.br>>. Acessado em 1 de out. de 2010.

OLIVEIRA, Dennis. Fronteiras do jornalismo no espaço midiático: a real dimensão da função ideológica da informação jornalística. **Encipecom Metodista**. Disponível em <<https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/64/GT1013.pdf>>. Acessado em 20 de agosto de 2010.

ROSMANINHO, Andreia. Técnicas de Produção de Jornalismo Literário sob a Perspectiva Euclidiana: Propostas e Considerações. **Mackenzie**. Disponível em: < <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/article/viewFile/842/544> >. Acessado em 12 de out. 2010.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SOUZA, Pedro. Elementos de Jornalismo Impresso. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. Disponível em: < <http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf> >. Acessado em 22 de julho 2010.

6- ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA COM CONEGUNDES BRAGA PINTO, pequeno produtor, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 40 anos.

M: Qual é o nome do senhor?

C: Se eu falar meu nome você não acredita. Conegundes Braga Pinto, minha mãe me deu esse nome em homenagem ao meu avô.

M: Qual é sua idade?

C: Tenho 70 anos.

M: Há quanto tempo o senhor trabalha n Mercado?

C: Juntando os três Mercados, há 40 anos.

M: O senhor planta os produtos que vende?

C: Eu trabalho e moro na roça, há 10 KM de Montes Claros, tudo o que vendo eu mesmo planto lá.

M: Há quanto tempo o senhor trabalha na roça?

C: Trabalho desde os 12 anos de idade. Semeando, plantando, colhendo, capinando. Embaixo de sol e de chuva.

M: Que horas o senhor chega aqui para trabalhar?

C: Estou aqui todos os dias a partir das cinco da manhã.

M: O senhor tem vontade de sair da roça?

C: Eu não! A roça é bem melhor que na cidade. É mais tranquilo. A gente vive melhor, sem se preocupar com violência, com assalto, sem ter que enfrentar trânsito. Gosto do cheiro de terra.

M: O senhor tem muitos amigos?

C: Aqui a gente conhece quase todo mundo, se não for amigo, pelo menos de vista, são muitos anos junto, tem gente que trabalha comigo desde outros Mercados. Mas eu não tenho inimizade com ninguém!

M: O que mais tem saída na sua banca?

C: Eu vendo mais é a mandioca nessa época do ano. Mas tem também a pimenta verde que cheira, mas não arde.

M: Tem algum segredo pra plantar a mandioca?

C: Tudo tem o jeito certo de trabalhar. De maio até julho eu tenho mandioca sempre. E você pode fazer com ela o que quiser, porque cozinha que é uma beleza.

M: O senhor tem filhos?

C: Sou pai de cinco filhos.

M: Teve oportunidades de estudar?

C: Não tive infelizmente. E hoje sem estudo a gente não vale nada. Sempre incentivei meus filhos a estudarem, minha filha caçula tá se formando agora em psicologia.

ANEXO 2 – ENTREVISTA COM HERMES ANTÔNIO LOPES, vendedor de artesanato, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 49 anos.

M: O senhor nasceu onde?

H: Sou registrado em Juramento, mas nem conheço a cidade. Na verdade nasci em Glaucilândia, que na época era chamada de Juramento Novo, e pertencia a Juramento Velho, onde hoje é a cidade de Juramento.

M: E porque veio para Montes Claros?

H: Meu pai participou da Revolução de 1930, mesmo não sabendo ler e escrever, voltou graduado soldado, e arranhou um emprego aqui na Central do Brasil, como tratorista. A gente foi logo arrumando um lugar pra morar, era uma manga de cinco alqueires, a gente tinha umas vaquinhas e um cavalo pra passeio, plantava feijão, milho, abóbora. Hoje esse lugar fica no Bairro Santa Rita II.

M: Há quanto tempo trabalha no Mercado?

H: Estou aqui desde o início, em 1989, mas passei por três mercados.

M: Quantos Mercados Municipais Montes Claros já teve?

H: Foram três Mercados. O da Praça Doutor Carlos, o da Rua Coronel Joaquim Costa com a Belo Horizonte, perto da Praça de Esportes e esse agora.

M: Como o senhor começou a trabalhar no Mercado?

H: Comecei a trabalhar na vida, aos sete anos como engraxate e ajudava meu pai também na roça. No Mercado, comecei como empregado de Jacinto, vendendo peixe. Depois consegui comprar metade da banca, mas teve uma época que ele ficou doente e teve que parar de trabalhar, aí eu ofereci pra comprar a outra metade da banca e assim tive o negócio só pra mim.

M: O que o senhor vendia no primeiro Mercado?

H: Vendia peixe que vinha salgado do Rio São Francisco.

M: E no segundo?

H: No segundo eu continuei com o peixe.

M: E no terceiro?

H: No terceiro eu tive que mudar de comércio porque o IBAMA começou a fiscalizar muito, multar os comerciantes, foi quando resolvi começar a mexer com artesanato de bambu.

M: No início, com artesanato, o senhor vendia quais produtos?

H: Vendia esteira e chapéu. O comércio da época era bom porque não tinha concorrência, fui o primeiro a começar, mas hoje tem muita gente que trabalha com isso.

M: Os produtos vinham de onde?

H: Vinham de Lontra, aqui perto, e algumas coisas vinham até da Bahia.

M: O senhor tem filhos?

H: Tenho sim, três homens, dois são militares e um é porteiro do Hospital Universitário.

M: Qual a idade deles?

H: O mais velho tem 40, o do meio 39 e o caçula 35.

M: O senhor é casado?

H: Sou casado há mais de 40 anos, sem papel passado. Minha esposa é três anos mais velha que eu, nasceu 1937.

M: O senhor conheceu sua esposa aqui?

H: Conheci ela porque ela veio de Brasília de Minas pra cá fazer tratamento era muito nervosa. Quando a irmã, que trouxe ela, ficou doente, ela veio no lugar dela trabalhar aqui no Mercado.

M: E hoje sua esposa tá mais calma?

H: Que nada! Ela continua uma cobrinha.

M: O senhor se lembra da inauguração desse Mercado?

H: Foi um alvoroço. As bancas foram dadas a quem trabalhava no outro Mercado, através de sorteio. Todo mundo vinha, queria conhecer o Novo Mercado.

M: E o Mercado Antigo, como era?

H: Tinha bancas também, de madeira, muitas pessoas vendiam os produtos na rua.

M: O senhor sente saudade de lá?

H: Sinto porque na época eu podia ir trabalhar a pé. Lá também tinha a farofa de carne do finado Nozinho Zuba, o caldo de cana de Jason do Caldo de Cana, tinha umas geléias também. Dá muita saudade!

M: O senhor teve oportunidade de estudar?

H: Nunca estudei porque trabalhei demais. Fiz só até a primeira série, mas aprendia desenhar meu nome. Tenho irmão que é professor. Não tenho inveja da riqueza dos outros, tenho é a da sabedoria.

ANEXO 3 – ENTREVISTA COM NELSON YOSHIHARU TAKAKI, comerciante e produtor de hortifrutigranjeiros há mais de 26 anos.

M: Qual o seu nome?

N: Nelson Yoshiharu Takaki.

M: Qual a sua idade?

N: Tenho 61 anos.

M: Há quanto tempo trabalha no Mercado?

N: Contando com o outro Mercado, há 26 anos.

M: Trabalha sozinho? Tem ajuda de alguém?

N: Sou casado por duas vezes e trabalho com a ajuda da minha atual mulher e dos filhos do primeiro e dos segundo casamento.

M: Quantos filhos você tem? E qual a idade deles?

N: Sou pai de cinco filhos, o mais velho com 35 anos e o mais novo com 13.

M: Você é natural de que cidade?

N: Nasci em Pindamonhangaba.

M: Como veio para Montes Claros?

N: Vim para cá porque meu pai foi convidado por um amigo, Waldomiro Marcondes, para trabalhar na Fazenda Melo, atualmente Bairro Ibituruna.

M: Como era no começo, quando você veio para o Mercado?

N: No começo eram apenas dois boxes, agora são 14. Tenho a maior banca de hortifruti do Mercado de Montes Claros.

M: Como se chamavam seus pais? De onde vieram?

N: Meus pais nasceram no Japão, o pai em Hiroshima, e a mãe em Wakayama. Quando desembarcaram no Brasil, minha pai, Yosshiro recebeu o nome de Júlio e minha mãe, Kioye passou a chamar-se Mercedes. Eles tiveram sete filhos e trouxeram todos para Montes Claros.

M: Como você abastece a banca?

N: Planto tomate, repolho, pimentão, pepino, abobrinha e poncã. Além disso, faço compras no Ceasa em Belo Horizonte e na CEANORTE, vendo também alguns produtos japoneses.

M: Sua banca mudou muito ao longo o tempo?

N: Não. Eu acho que só o tamanho que mudou. Sempre procurei oferecer o melhor para os meus clientes, frutas e verduras frescas, de qualidade, para que todos saiam daqui satisfeitos e voltem.

M: Já pensou em sair do Mercado?

N: Nunca pensei em largar o comércio no Mercado porque ele tá está diretamente ligado a tudo o que conquistei na vida. Recebi até mesmo homenagens, uma da administração municipal por reconhecimento como produtor e comerciante e outra do INCRA como produtor modelo. Não tenho vontade de sair de Montes Claros nem mesmo para morar no Japão, já estive lá para trabalhar, entre 1993 e 2003, mas deixei um empregado cuidado da banca e quando voltei retomou o negócio.

ANEXO 4 – ENTREVISTA COM AUGUSTINHO ALVES, comerciante de aves, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 20 anos.

M: Qual a sua idade?

A: Tenho 49 anos.

M: Você é natural de que cidade?

A: Sou nascido e criado em Montes Claros mesmo.

M: Como você começou a trabalhar aqui no Mercado?

A: Comecei a vender frangos quando ainda era pequeno. Arrumei um emprego na banca de um conhecido e um tempo depois comprou a minha.

M: Qual o número de sua banca?

A: Na verdade são dois boxes, o 2L e o 2ª.

M: Que animais você vende?

A: Vendo mais o frango caipira, mas tem também cocar, peru, ganso, pavão e pato.

M: Você cria os animais?

A: Não, eu compro das roças aqui da região de Montes Claros.

M: Qual é o preço das aves? Quanto você ganha por mês.

A: O preço varia conforme o animal, o mais barato custa cinco reais, o mais caro vinte e cinco. Em média vendo cem aves por semana e tiro mais ou menos mil e quinhentos reais por mês.

M: Você está aqui em quais dias da semana?

A: Fico aqui no Mercado de domingo a domingo, pode vim que você vai me achar!

M: Trabalha sozinho?

A: Trabalho na companhia da minha mulher Simone., nós estamos juntos há mais de 20 anos e temos quatro filhos, o mais novo com 21 anos e o mais velho com 27.

M: O que este Mercado significa pra você?

A: Sempre tiramos o sustento da nossa família trabalhando aqui e dependemos do Mercado pra viver, até pensei em sair porque é muito cansativo, mas aqui o trabalho é certo, não posso correr o risco de ficar se emprego.

M: Você acha qual frango mais gostoso, o de granja ou o caipira?

A: Eu prefiro o de granja. A carne é mais saborosa, o tempero pega melhor.

M: Quais as diferenças entre os dois tipos de frango?

A: O caipira tem a carne mais dura, é mais consistente e mais gostosa. Ele come milho, cisca, cresce mais solto no terreiro. O de granja tem a carne mais mole, mas fica menos saboroso, cresce comendo ração com hormônio, vive preso em granja.

ANEXO 5 – ENTREVISTA COM WALCYR ALVES DE OLIVEIRA, açougueiro, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 18 anos.

M: Quantos anos você tem?

W: Tenho 60.

M: Você nasceu em que lugar?

W: Nasci em Miralta, perto daqui uns 20 quilômetros e vim para cá com cinco anos.

M: É casado, tem filhos?

W: Sou casado há 40 anos e tenho dois filhos, um é radiologista, mas um dia vai ser médico, tem 27 anos, é esforçado e trabalhador, a outra é mulher, é enfermeira. É muito gratificante ver os filhos da gente estudando, formados, devo tudo a Deus, sem ele eu seria um pobre comedor de arroz e feijão.

M: Há quanto tempo você trabalha com açougue e como começou?

W: Trabalho há mais de 50 anos. Comecei por causa do meu pai, ele me ensinou tudo, eu sempre gostei de trabalhar, só deixava o serviço de lado para jogar futebol.

M: Quantos quilos de carne você vende por semana, e qual a carne que mais se vende?

A: Vendo cerca de mil e quinhentos quilos de carne por semana, com destaque para a carne de sol, recebo diariamente duas peças dianteiras e duas traseiras, aproximadamente dez animais por semana.

M: A carne já chega pronta ser vendida?

A: A carne não chega pronta, tem que retirar os ossos e separar as partes, nesse momento os anos e anos como açougueiro são importantes para saber onde começa e termina cada parte.

M: O que vocês fazem com os ossos?

A: Não sei direito o que acontece com eles, sei que uns são usados pra fazer ração, tem umas pessoas que passam aqui e pedem para fazer sopa também.

ANEXO 6 – ENTREVISTA COM AUGUSTO MARCO E PORFÍRIO RODRIGUES, pequeno produtor, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 25 anos.

M: Vocês dois trabalham no Mercado?

A: Não, eu só venho aqui pra ver os amigos.

P: Eu trabalho aqui sim, há mais de 25 anos.

M: Qual a idade de vocês?

A: Tenho 68 anos.

P: Eu tenho 70 anos.

M: São casados, tem filhos?

A: Sou casado há 40 anos e tenho quatro filhos.

P: E eu sou casado há 45 anos e tenho oito filhos.

M: Vocês são amigos há muito tempo?

A: Somos amigos desde a mocidade, quando morávamos na roça. Sempre que passo por aqui venho ver meu velho amigo.

M: Mas você ainda moram na roça?

A: Eu ainda moro no mesmo lugar.

P: Eu mudei pra cidade contrariado por causa da saúde, quando morava na roça tinha minhas plantações, era mais calmo, mais bom de viver.

M: Sente mais saudade do que?

P: Sinto saudade de dançar com as moças, beber uma pinguinha, que a gente sempre tomava. E também de um pau d'óleo, que um fazendeiro cortou, ele dava um copo de óleo por dia, até o dia que foi tirado da terra com covardia.

M: Como era no começo aqui no Mercado?

A: Antes eu trabalhava embaixo da mangueira, aí comprei essa banca aqui, mas de vez em quando, volto pra lá.

M: O que você mais vende?

A: Vendo milho, rapadura, farinha Morro Alto, mandioca, depende da época do ano.

M: O que a farinha Morro Alto tem de especial, porque o senhor até colocou uma placa falando que a vende?

A: Ela é saborosa, é suave na boca. Prova aqui. Joga na boca! Ah menina, quando a gente coloca esse tanto de farinha na boca é certo que vai engasgar né! Seca assim chega até a sufocar.

M: Tchau, obrigada.

A: Se seu livro vender bastante e você ficar rica e famosa, volta pra fazer uma visita e não esquece da gente.

ANEXO 7 – ENTREVISTA COM DELVANY BRAGA DA SILVA, guardador de carros, trabalha nos Mercados de Montes Claros há 14 anos.

M: Quantos anos você tem?

D: Tenho 27 anos.

M: É natural de Montes Claros?

D: Não, nasci em São Francisco e vim para cá em 1995.

M: Tem irmãos?

D: Tenho sim, somos em 8, são 4 casais e sou o segundo mais velho.

M: Como você começou a trabalhar guardando carros aqui?

D: Eu comecei por falta de opção mesmo, vim para cá com a intenção de arrumar um trabalho, mas sem estudar é difícil de se conseguir algo. Sempre trabalhei, vendia chupa-chupas desde menino, com sete anos. Sonho em um dia poder fazer um curso de informática, até mesmo de Jornalismo, pois sou muito comunicativo.

M: Você trabalha aqui todos os dias?

D: Trabalho a partir da sexta, porque é quando começa o movimento maior de automóveis, nos outros dias não vale a pena vim para cá, são poucos carros.

M: E quando não está aqui, você trabalha em que?

D: Faço alguns bicos, já fiz de tudo, pintor, ajudante de pedreiro, serviços de eletricidade e bombeiro, se me chamarem eu vou!

M: quanto você ganha de gorjeta?

D: Ganho um, dois, até cinco reais, mas no fim de ano, quando as pessoas estão mais generosas chego a ganhar, 20, 30, até 40 reais.

M: Você ajuda a estacionar carros, tem carteira de motorista?

D: Tenho sim, tirei ano passado e foi de primeira! Tenho até uma moto, mas sonho mesmo em comprar meu próprio carro, daqui uns ano quem sabe né...

M: Reparei que as pessoas te chamam de vinagre, porque esse apelido?

D: Nem eu sei! Vem dos tempos de menino ainda. Só sei que azedo não sou! Sou docinho, docinho!

M: Você teve que começar a trabalhar muito cedo, sente saudade da infância?

D: Nossa, sinto muita falta de pescar, de soltar, de jogar bola, essas brincadeiras de menino, mesmo trabalhando nunca deixei de brincar, de ser moleque.

M: Você conhece todo mundo aqui?

D: Conheço sim e faço questão de chamar todos pelo nome!

ANEXO 8 – ENTREVISTA COM GERALDA RODRIGUES DA SILVA, trabalha com frutas e tem a maior banca do gênero do local, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 40 anos.

M: Quantos anos você tem?

G: Tenho 53.

M: Há quanto tempo trabalha com frutas?

G: Trabalho há mais de 36 anos.

M: É casada, tem filhos?

G: Sou casada há 32, tenho 2 filhos, Esdra Costa Silva e Meirieli Costa Silva. E sou avó de Maria Clara, filha da minha Meire.

M: Há quanto tempo a senhora está embaixo desta mangueira?
G: Estou há mais de duas décadas.
M: A senhora trabalha só com mulheres?
G: Não, além de trabalhar com minha amiga Neuza e com minha irmã Deusa, trabalho com meu filho e meu marido.
M: Mas é que geralmente só vejo mulheres atendendo na banca.
G: Gosto das mulheres porque são mais cuidadosas na hora de lidar com as frutas, as manuseiam com mais delicadeza, as organizam com mais carinho e perfeição. Mulher age mais com o coração.
M: E no começo, como era?
G: Eu tinha apenas um box dentro do Mercado, depois progredi e comprei um espaço maior, mas resolvi me mudar para a mangueira. É um bom espaço, é fresco, tem sombra e fica bem na entrada.
M: Você é daqui de Montes Claros?
G: Não, nasci em Lontra e, através das providências de Deus, vim para cá com uma amiga, aos 17 anos para trabalhar com frutas. As frutas são providências divinas.
M: Você é muito religiosa, pelo visto.
G: Sou sim, antes era católica, mas agora sou evangélica, mas acredito e confio muito em Deus.
M: Reparei que você fala com todo mundo, brinca, ri...
G: Sou faladeira, converso até com minhas frutas, quando to calada é porque tem algo de errado.
M: E como você faz as compras?
G: Acordo quinta pela manhã e vou na Ceanorte, sou muito exigente, muito cuidadosa com o que compro, quero sempre o melhor, sempre tudo bonito, fresco, de qualidade.
M: E o Mercado, o que significa para você?
G: Daqui tirei o sustento de meus filhos, da família, eles estão criados, me orgulho. Pretendo ficar aqui por muito tempo, até quando Deus deixar e quiser.

ANEXO 9 – ENTREVISTA COM VALDIR PINTO, pequeno produtor, trabalha nos Mercados de Montes Claros há 39 anos.

M: Qual é sua idade?
V: Tenho 63 anos.
M: Nasceu em Montes Claros?
V: Não, nasci em Motezuma, mas moro em Monte Azul, venho para cá na quarta vender meus produtos.
M: É casado? Tem filhos?
V: Sou casado com a mesma pessoa há 42 anos fica em Monte Azul, com quem tenho meus sete filhos.
M: Vende o que planta?
V: Vendo tudo o que planto, algumas coisas vão para a banca, outras para outros comerciantes.
M: O que você planta?
V: Planto mamão, pinha, tamarindo, mandioca, ciriguela e jaca, depende da época. O Norte de Minas é conhecido pela seca, pelas pessoas e animais que sofrem com a falta de água, mas é um lugar de muita fartura também.
M: Vem como para Montes Claros?
V: Antes na época do trem vinha todo dia, agora venho de ônibus e as mercadorias de carro fretado.

M: O dinheiro da passagem e do frete fazem falta?

V: Fazem e muita! A passagem de ônibus custa R\$50 ida e volta, mais o custo do frete para trazer as mercadorias de carro é um dinheiro que faz diferença para quem ganha cerca de um salário e meio por mês.

M: A família não reclama que você venha trabalhar em outra cidade?

V: Eles sabem que não tem ouro jeito, preciso do dinheiro, não tenho outro trabalho e não sou aposentado.

M: Você sempre trabalhou com a terra?

V: Desde pequeno, fazia serviço de gente grande, carpia, colhia algodão, fazia roça. Perdi meu pai aos oito anos de idade e tive que trabalhar na roça para ajudar no sustento da família, composta por mãe e seis irmãos.

M: O senhor trabalha sozinho?

V: Trabalho sim, minha família fica toda em Monte Azul.

M: Como era no começo?

V: Era com pouca estrutura, a gente dormia na rua, com chuva e sol. Mas tenho saudade de ficar conversando pela madrugada com outros feirantes, a freguesia também era maior, esse Mercado aqui não em nem uma lotação.

ANEXO 10 – ENTREVISTA COM FERNANDO E MAZINHA, donos da maior banca de temperos, trabalham nos Mercados de Montes Claros há mais de 20 anos.

M: Porque vocês decidiram vender temperos?

F: Eu comecei vendendo réstias de alho no ombro, ainda no Mercado Velho depois comecei a arriscar a fazer um tempero de alho e sal, aí quando casei com a Mazinha ensinei tudo a ela e estamos aqui até hoje.

M: Estão casados há quanto tempo? Tem filhos?

M: Estamos há 35 anos e temos três filhos biológicos e um adotivo.

M: Vocês nasceram e foram criados onde?

M: Nós dois fomos nascidos e criados na roça. Eu tive que começar a trabalhar cedo, porque meu pai morreu e tive que ajudar no sustento de sua família, fazia de tudo, carregava peso, pegava no cabo da enxada.

F: Minha infância foi mais tranquila. Lembro até de uma história, que eu e mais 4 fomos andar de cavalo, como esquecemos o cabresto, inventamos um com cipó, quando o cavalo disparou eu puxei, ele arrebentou e todos caímos.

M: Como era o começo:

F: No início, em 1989, quando mudamos para o Mercado Novo, eram apenas 2 boxes. Hoje a banca tem cinco portas, água encanada e energia elétrica. Conseguimos crescer bastante.

M: Quanto custa o tempero mais barato e o mais caro?

M: O mais barato é o de alho e sal, com valor de R\$3,50 por quilo. O mais caro é a noz moscada, R\$50 o quilo.

M: Os produtos que vocês vendem vem de onde?

M: Vem de vários lugares, de São Paulo, da Bahia e até do Chile. Mas o mais vendido, que é o tempero banco, nós fazemos.

F: E as misturinhas também.

M: O que são misturinhas?

F: São temperos feitos com vários ingredientes.

M: O que os temperos significam para vocês?

M: O tempero é o que dá vida à comida!

F: Não tem como pensar em uma comida sem cheiro, sem cor, sem sabor.

ANEXO 11 – ENTREVISTA COM TIBÚRCIO PEREIRA DA SILVA, artesão, trabalha nos Mercados de Montes Claros há mais de 15 anos.

M: Você é natural de Montes Claros?

T: Não, nasci em Porteirinha moro aqui há 38 anos.

M: Tem quantos anos?

T: tenho 73.

M: Você é casado, tem filhos?

T: Sou desquitado e tenho 5 filhos, 4 mulheres e um homem.

M: Alguns dos filhos herdou a arte de esculpir em madeiras?

T: Minha filha trabalha com escultura em material reciclável, meu filho se tivesse interesse, seria melhor que eu.

M: Como começou fazendo esculturas?

T: Até de 29 anos, trabalhava na roça destocando e derrubando mato, plantando algodão, feijão e mamona. Em uma hora de folga peguei uma faca de cozinha e resolvi fazer uma gamela.

M: É um dom?

T: Pra quem começou no meio do mato, sem aula, sem ensino de ninguém, não tem explicação, é coisa que nasce com a gente.

M: E no Mercado, como você começou?

T: Comecei vendendo minhas primeiras peças no Mercado Velho, carregadas em uma cesta de palha no ombro, e conheci Conrado de Coração de Jesus, artesão já conhecido e respeitado em Montes Claros. Exposta em sua banca, uma escultura com seis cavalos, era a coisa mais bonita que eu já tinha visto. Eu fiquei maravilhado, era a coisa mais bonita que já tinha visto, alguns animais estavam em pé, tinha uns sentados, alguns de cabeça baixa, como se estivessem pastando. Engraçado que eu olhava para aquele trabalho e sabia que podia fazer igual.

M: Sente saudade de algo no Mercado Velho?

T: As vendas eram melhores, o povo tinha mais dinheiro, hoje se você pedir um pouco mais caro em algum trabalho, todo mundo já acha que é exploração, também lembro com saudade do tropeiro de Toninho e Edgar, do licor de pequi Corbi com conhaque Alcatrão, que foi substituído, no Mercado Novo, pelo xarope de pequi com conhaque Presidente.

M: Sua esculturas são feitas com que madeira?

T: São feitas de imburana, madeira que vem da beirada do Rio São Francisco.

M: qual é sua peça mais cara?

T: O caçador, com preço de 35 mil reais.

M: quanto tempo demora para fazer uma escultura mais trabalhada?

T: Mais de 14 horas de seu dia, durante três meses para que um trabalho fique pronto, depois tem gente que acha caro, é o que eu sempre digo, se você contratar o Roberto Carlos pra tocar e pedir pra ele cantar desafinado pra ser mais barato, acha que ele vai querer subir no palco?

M: Suas peças vão para fora do Brasil?

T: vão sim, para os Estados Unidos, Bélgica e França.

M: qual foi a escultura que mai te marcou?

T: Era uma grávida, com umas treliças na barriga que davam pra ver seu feto, foi comprada por Regina Casé.

ANEXO 12 – ENTREVISTA COM VIRISSIMO DOS REIS SOUZA, ex açougueiro e matador de bois, trabalhou nos Mercados de Montes Claros há 10 anos.

M: Como você come a trabalhar?

V: Comecei aos sete anos abrindo cancelas, com seu João Bodeiro, que meu pai conheceu quando fez uns serviços de pedreiro em sua casa e me apresentou. Viajava com seu João e depois com 14 anos comecei a matar bois e a trabalhar no açougue, tinha que ajudar em casa, minha mãe era doente.

M: É casado, tem filhos?

V: Sou casado com Luciene e sou pai de João Pedro e Bárbara.

M: Como se mata um boi?

V: Primeiro tem que amarrar as patas animal, aí pega o olho do machado (as costas do machado) e bate no meio da testa do boi, assim ele fica atordoado. Depois tem que sangrar e tirar o couro do bicho.

M: E as lembranças da época que trabalhava com bois?

V: Tenho três histórias:

Em um dia de trabalho fui com João Bodeiro a uma fazenda para vermos de perto uma possível compra. Os animais eram bravos e não queriam ser presos no curral. Era mais fácil reuni-los em uma manga. O vaqueiro subiu no cavalo e logo foi trazendo os bichos. Uma vaca furiosa veio em disparada, subi em uma árvore, e meu companheiro fez o mesmo e escorregou. Em um ato de desespero, enquanto o animal esbaforido e bufando de raiva se aproximava, seu João pegou uma pedra e tacou no bicho. Ele acertou o rede moinho da vaca, local vital no meio da cabeça. Ela caiu, morta.

M: E a segunda história?

V: Eu estava acompanhado de outro matador, conhecido pela maldade e crueldade para tirar a vida dos animais. Fomos matar um animal, mas ele estava dando muito trabalho. Balançava a cabeça. Não estava sendo possível bater o olho do machado em sua testa. O meu acompanhante percebeu que o bicho encarava-o olho no olho. Resolveu então pegar um ferrão, uma espécie de vara com prego na ponta, e furou os olhos do bicho. Consegui matá-lo. Quando o separava em partes, em um golpe forte de machado na coluna do boi, uma lasca de osso foi em direção aos olhos do homem e ele ficou cego

V: A terceira história é a seguinte: Um boi estava amarrado em uma árvore, eu e seu João pegamos um machado e batemos no animal. O golpe pegou no chifre. Tivemos que cortar os tendões do boi para facilitar o trabalho. O animal perdeu o equilíbrio. Fomos sangrá-lo. O machado então quebrou no pescoço do boi. Sem outro machado fomos embora, sem terminar o serviço. De longe escutávamos o animal berrando de dor, batendo a cabeça na cerca para morrer mais rápido. Depois desse dia jurei não matar mais bois.

ANEXO 12 – ENTREVISTA COM EDUARDA MARIA DE JESUS, raizeira, trabalhou nos Mercados de Montes Claros há 10 anos.

M: Você nasceu onde?

E: Sou nascida em uma fazenda perto do município de Nova Esperança, distante 25 KM de Montes Claros.

M: qual é sua idade?

E: Tenho 79 anos.

M: Como começou a mexer com ervas?

E: Eu era uma menina de sete anos de idade, quando acompanhava a mãe na procura dos remédios naturais. Observava e aprendia, hoje sei pra que serve cada tipo de planta.

M: É casada, tem filhos?

E: Sou casada desde que tinha 20 anos e tenho nove filhos, tratei e trato de todos com ervas.

M: Como é o preparo dos produtos?

E: Todos os produtos são colhidos na região de Montes Claros, por mim. Depois faço o que cada tipo de planta exige. Algumas tem as folhas cortadas e secadas ao sol; outras são utilizadas do modo com que foram retiradas da natureza; já os remédios em garrafas são feitos com vários ingredientes e com a mistura de ervas.

M: Quais são as ervas mais comuns e pra que ervem?

E: O hortelã serve pra quando a pessoa tá com gripe ou resfriado. Já o boldo, é ótimo pra problemas de estômago. Pra quem não consegue dormir ou é muito nervoso, pode tomar a erva-cidreira. Pra inflamação na garganta, eu indico o chá de tansagem. Se tiver com pedras nos rins o bom é o quebra-pedra. Pra dar uma abaixada na pressão, o chá de campim-santo faz efeito. A arnica é boa pra quem levou chute, murro, pancada. Pra mulher ou bebê que tem cólicas, a camomila dá uma acalmada na dor.